

**Uma possível leitura kierkegaardiana de D. Quixote**Wagner de BARROS<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretendemos expor, mediante uma leitura da obra *D. Quixote*, a relação entre objetividade e subjetividade presente no pensamento kierkegaardiano. Para Kierkegaard, a subjetividade possui um papel relevante para a construção do real, pois toda realidade é uma realidade vivida. Deste modo, podemos dizer que analisar *D. Quixote* é tentar compreender os seus motivos e não tachá-lo de louco. A loucura de *D. Quixote* é a loucura do indivíduo existencial, do homem que constrói e vive a sua realidade.

**Palavras chaves:** Kierkegaard, *D. Quixote*, indivíduo, existência, objetividade, subjetividade.

Neste trabalho não pretendemos fazer uma análise literária da obra *D. Quixote*. No mesmo sentido, Kierkegaard será um filósofo a ser explicado minimamente e não estudado de forma pormenorizada. Mas o que isto significa? Pretendemos ilustrar a filosofia de Kierkegaard utilizando a obra de Cervantes. Assim, apresentaremos uma possível leitura da obra *D. Quixote de la Mancha*. Trata-se de lançar a filosofia kierkegaardiana sobre Cervantes. Portanto, não pretendemos ver se o romance possui algumas idéias iniciais da analítica existencial kierkegaardiana. Mas de onde surge a necessidade de se fazer um trabalho como este? A loucura do fidalgo exemplifica o absurdo da particularidade e da subjetividade que é a verdade buscada na reflexão metafísica e epistemológica feita por Kierkegaard. Explicaremos, pois, o que isto significa.

Estamos no final do século XIX, a Alemanha foi invadida pelo pensamento lógico-formal, Hegel adquire fama, o sistema do filósofo pretende solucionar os problemas por meio da dialética. É neste contexto que encontramos a figura de Kierkegaard, um dinamarquês que luta contra a filosofia do conceito reivindicando a

---

[1] Aluno da Licenciatura do curso de Filosofia na Unesp – Câmpus de Marília. wagnerbarro@yahoo.com.br

filosofia do Indivíduo. Para Kierkegaard, a existência não pode ser conceituada, ou seja, pensada de forma abstrata, pois ela é o imediato e o concreto. Hegel quer explicar tudo racionalmente, mas não conhece nada. Sua filosofia é o sumo paradoxo, pois quer explicar o movimento utilizando o estático, a lógica. A filosofia hegeliana explica a existência através de conceitos. Todavia, o homem vive na sua concretude e não na abstração. Hegel pensa a existência no seu sistema dialético onde não há espaço para o imediato. No entanto, “*Supprimer l’immédiateté, c’est nier l’existence de l’homme; car il n’y a d’homme qui existe métaphysiquement*” (WAHL, 1974, p. 122)<sup>2</sup>. Kierkegaard mostra que existir é estar em movimento, viver os paradoxos da existência que não se reconciliam. Para Hegel, tudo é mediatizado pela razão. Kierkegaard observa que a superação só acontece no pensamento e não na realidade. Não há lugar para a existência na filosofia elaborada por Hegel porque existir é o paradoxo, o movimento, os conflitos que não se resolvem, mas que vivem em conflito.

Deixemos por alguns momentos Kierkegaard e vamos observar D. Quixote.

Em um lugar da Mancha existe um senhor que resolve se tornar cavaleiro andante. A leitura incansável dos livros de cavalaria suscita naquele senhor a vontade de imitá-los. O velho prepara seu evento, encontra um escudeiro e segue as estradas com seu rocim a procura de gigantes, castelos e donzelas em apuros. Assim, D. Quixote começa a sua aventura. No entanto, tudo não passa de uma grande loucura. Nunca existiram cavaleiros andantes e monstros só existem na imaginação. Porém D. Quixote os encontra, ele transforma moinhos de vento em gigantes, taberna em castelos, camponesas em princesas. Quem encontra o senhor diante de seu velho rocim se estranha, depois de um tempo percebe o estado de saúde do fidalgo e, conseqüentemente, aproveita para brincar com o “louco D. Quixote”. A sobrinha fica desesperada com o seu tio que saiu em busca de aventuras. Ela quer que ele volte para a casa. As pessoas tentam explicar à D. Quixote que seu estado mental deixa a desejar.

---

[2] “Suprimir o imediato é negar a existência do homem, pois não há homem que existe metafisicamente” *Nossa tradução*.

[3] O desespero é um dos problemas principais tratado pela filosofia kierkegaardiana, assim como a angústia, a interioridade, a subjetividade.

Porém, o cavaleiro não entende, ele está encantado pelos magos. Quixote tem realmente um problema: ele vive uma loucura. É inútil dizer ao fidalgo que encantamentos não existem, que castelos são tabernas ou que os exércitos são as ovelhas dos camponeses. Não adianta, pois D. Quixote enxerga somente os romances de cavalaria. Quanto mais as pessoas o chamam para a realidade, mais ainda D. Quixote resiste. Porém, tudo se torna divertido quando as pessoas entram no seu mundo, fingindo-se de reis que lhe entregam reinos. Será exatamente nesta loucura que encontramos Kierkegaard.

O filósofo dinamarquês busca o concreto, o vivido. Trata-se de compreender, pois, D. Quixote em sua loucura. Quando estamos no plano da existência, o conceito perde a sua eficácia. É o que acontece quando as pessoas dizem que são moinhos de vento e não gigantes. O erro consiste no fato de que não observamos Quixote em sua loucura, isto é, não tentamos compreendê-lo. O fidalgo é um indivíduo, existe na sua forma singular, não podemos analisá-lo com leis gerais. A loucura passa a ser realidade no momento em que D. Quixote assume de forma intensa seus desvarios. Neste aspecto, o erro está em considerar o fidalgo da Mancha como alguém que perdeu a razão. Não é D. Quixote que está louco, mas nós que estamos loucos quando olhamos este senhor sem considerar a sua realidade. Queremos julgar a personagem de forma exterior, isto é, desconsiderando o aspecto interior do indivíduo. Utilizamos um conceito e aplicamos em D. Quixote. Todavia, este conceito não atinge aquilo que D. Quixote é realmente. Para podermos compreender o fidalgo da Mancha, precisamos tentar entender aquele seu mundo de fantasias. Conceituar aqui é colocar uma fórmula onde enquadrámos os indivíduos sem considerar sua individualidade, sua compreensão de mundo. Considerar a interioridade do indivíduo é se aproximar de sua essência. Neste sentido, procuramos compreender Quixote a partir de seu mundo e não dizemos simplesmente que ele é um louco. Tentamos, pois, penetrar no universo do fidalgo com o intuito de entender os motivos de suas ações.

Dizer que D. Quixote é um “maluco” é utilizar uma abstração, é classificá-lo sem ter o menor respeito com a sua interioridade. Interpretamos Quixote a partir de nós e não por ele mesmo. A personagem cria um mundo e vivencia-o, todavia, desconsideramos este dado. Kierkegaard diz claramente: “[...] a verdade só existe para o Isolado quando é ele próprio que, agido, a produz” (KIERKEGAARD, 1979, p. 189).

Isto significa que D. Quixote produz seu mundo e o considera verdadeiro. Se alguém diz à D. Quixote que ele está louco, a personagem pensa que o outro está enfeitado. Não é porque sua realidade é outra que sua verdade se diferencia da nossa, isto é, está errada.

A sobrinha do fidalgo da mancha também sofre de uma loucura: sua realidade, sua existência. Por que não deixar o tio viver uma realidade que não é a da moça? Por que censurá-lo? Estas discussões levam a outros problemas que não iremos desenvolver, mas apenas apontar. Por exemplo, não poderíamos pensar que a sobrinha do fidalgo vive uma loucura não marcada pela cavalaria andante, mas pelas leis racionais onde tudo aquilo que foge da regra está errado? Encontrar alguém com ações que a nós são incompreensíveis e, logo em seguida, classificar esta pessoa como um “maluco” sem tentar compreender sua realidade. Isto já não seria uma loucura, uma doença igual àquela que denunciamos em D. Quixote? Criar padrões e julgar os homens segundo estes padrões é desconsiderar o indivíduo. A filosofia kierkegaardiana problematiza estes padrões e a universalidade reivindicando a individualidade, o homem existente, concreto, singular. Não colocamos D. Quixote em uma fórmula onde o resultado é igual a palavra “loucura”. Não devemos classificar, devemos sim compreender que o indivíduo não pode ser colocado em uma equação, ou mesmo rotulado. Se não fazemos assim, deixamos de compreender aquilo que ele realmente é: indivíduo.

Como observamos, a verdade, para Kierkegaard, é criada pelo indivíduo ao agir. Dizer que é verdadeira a loucura de D. Quixote é acreditar nesta afirmação, ou seja, é criar uma verdade. Sancho confia no seu senhor, ele não o censura. No decorrer do romance, percebemos algumas personagens quase se convencendo de que o fidalgo é realmente um representante da cavalaria andante. Sancho não acredita que o amo está doente, para ele Quixote é mesmo um cavaleiro, portanto é falso dizer que o fidalgo é um louco. Dar razões da loucura de D. Quixote seria um absurdo. Estaríamos tentando fazer a mesma coisa que o cavaleiro. De um lado, D. Quixote explica a existência dos magos, do outro lado, nós tentamos lhe explicar que não existem magos, que tudo não passa de uma loucura. Novamente vemos que a verdade depende do indivíduo.

Nossa interpretação, porém, possui seus limites. Kierkegaard é um crítico do homem que se deixa conduzir pela imaginação. Ora, mas e D. Quixote, ele não é o indivíduo que esquece do imediato, do concreto, para viver uma fantasia? No livro *O desespero Humano*, Kierkegaard se preocupa com a questão do desespero e com a relação do homem com o seu eu<sup>3</sup>. O autor observa que, na imaginação, o homem se afasta de si mesmo, pois o indivíduo se perde no infinito. Imaginar é abstrair, pensar uma realidade que não é aquela do homem existente. Conseqüentemente, tudo se transforma em fantasia. Vejamos as palavras de Kierkegaard:

Assim como o eu, também a imaginação é reflexão; reproduz o eu e, reproduzindo-o, cria o possível do eu; e a sua intensidade é o possível da intensidade do eu. [...] Uma vez que o sentimento se torna imaginário, o eu evapora-se mais e mais, até não ser ao fim senão uma espécie de sensibilidade impessoal, desumana, doravante, a idéia de humanidade, por exemplo. (KIERKEGAARD, 1979, p. 209)

Pergunta: como fica D. Quixote? Devemos desconsiderar todas as observações feitas até o presente momento? Não, pois o que tentamos ressaltar é realidade existencial, isto é, o universo subjetivo. Não estamos discutindo o problema do desespero, mas a relação entre subjetividade e objetividade, entre aquilo que é vivido (interioridade) e aquilo que é observado como algo distante (exterioridade).

Enfim, Kierkegaard pretende mostrar o problema de como observar o indivíduo. Hegel cometeu um erro porque colocou a existência dentro dialética. Mas existir é viver o paradoxo. Não existe uma classificação e D. Quixote não pode ser colocado em uma fórmula, em um sistema. Devemos compreender a profundidade do ato da existência. Não é dizer “D. Quixote está louco”, mas tentar compreender a loucura de cada indivíduo que existe. É muito fácil analisar Quixote, encontrar certos sintomas e classificá-lo, colocar um rótulo escrito “loucura”. Mas fazer isto é não compreendê-lo, é utilizar uma fórmula exterior, é não ver o seu mundo, sua forma de existir. Kierkegaard se opõe a este tipo de filosofia. Para o filósofo da Dinamarca, o mais difícil é compreender o homem concreto, que existe, os diversos D. Quixote que vivem pelo mundo. Existir não é rotular, mas viver esta loucura do movimento, do paradoxo.

**Referências bibliográficas:**

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

\_\_\_\_\_. **O desespero humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WAHL, J. **Études Kierkegaardienes**. Paris: Librarie Philosophique J. Vrin, 1974, 4 ed.

**Notas:**